

Companhias voltam a investir em pesquisa

Gustavo Brigatto

Grupo das 1.000 maiores em bolsa no mundo cresceu 9,5%, para US\$ 550 bi, diz Booz&Co.

Depois de reduzir os investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) por conta da crise econômica mundial, em 2009, as 1.000 maiores empresas de capital aberto do planeta voltaram a aplicar mais recursos na criação de novos produtos e tecnologias.

Em 2010, os orçamentos tiveram um incremento de 9,3%, atingindo US\$ 550 bilhões, segundo levantamento da consultoria americana Booz&Co. Além de uma forte retomada frente à queda de 3,5% em 2009, os valores aplicados também superaram os investimentos feitos em 2008, período que antecedeu a crise. De acordo com Roberto Leuzinger, sócio da consultoria, o resultado reposiciona os investimentos em P&D de volta à tendência histórica de crescimento. "O ano de 2009 foi um ponto fora da curva", diz o executivo.

Apesar de significativo, o aumento de 9,5% nos orçamentos de pesquisa foi menor que o crescimento de 15% nas receitas totais de US\$ 15,41 trilhões das companhias pesquisadas durante 2010. Devido a esse descompasso, a intensidade dos investimentos em P&D, ou a proporção entre esses gastos e o faturamento das companhias, teve uma ligeira queda de 3,76% em 2009, para 3,52% em 2010.

Segundo a Booz&Co, o ajuste é natural, tendo em vista que em 2009 as empresas não cortaram os orçamentos na mesma proporção em que as vendas caíram em todo o mundo. Em 2009, os investimentos em P&D até subiram como percentual do faturamento das empresas: de 3,46% em 2008 para 3,75%.

Pela primeira vez desde que o estudo começou a ser publicado, em 2005, nenhuma companhia do setor de tecnologia da informação (TI) ficou entre as três maiores investidoras em P&D. Assim como no levantamento do ano passado, a farmacêutica Roche liderou o ranking. Durante 2010, a companhia aplicou US\$ 9,64 bilhões em P&D, o equivalente a 21,1% de suas vendas. Na segunda e na terceira colocação ficaram as também farmacêuticas Pfizer e Novartis, respectivamente, que ampliaram seus investimentos em torno de 20% cada.

Com o resultado, as companhias ultrapassaram a Microsoft e a Nokia, que no ranking do ano passado ocupavam a segunda e a terceira posição respectivamente. Com uma redução de 3,3% em seus gastos com P&D, a dona do Windows caiu para a quarta posição na tabela de 2010. A Nokia, por sua vez, ficou com o oitavo lugar, com uma retração de 0,8% no orçamento. Na avaliação de Leuzinger, o melhor desempenho das companhias do segmento farmacêutico pode estar relacionado a algum desenvolvimento específico realizado durante o ano de 2010.

Na comparação entre setores, as empresas de computação e eletrônicos mantiveram a dianteira nos investimentos em P&D. Com um crescimento de 6,1% em seus orçamentos - acréscimo de US\$ 16,9 bilhões -, elas foram responsáveis por 28% do total de recursos aplicados pelas 1.000 maiores empresas. O segmento de saúde foi o que teve o segundo maior orçamento, respondendo por 22% dos US\$ 550 bilhões. As empresas do setor automobilístico tiveram o terceiro melhor desempenho, com 15% do total dos investimentos.

Desenvolvimento em alta

Com cenário econômico mais favorável, companhias voltaram a investir em P&D em 2010

2010	2009	Empresa	Investimento 2010 (US\$ milhões)	Varição (%)
1º	1º	Roche	9,64	1,5
2º	5º	Pfizer	9,41	20
3º	6º	Novartis	9,07	21,4
4º	2º	Microsoft	8,71	-3,3
5º	14º	Merck	8,59	53
6º	4º	Toyota	8,54	0,7
7º	10º	Samsung	7,87	23,2
8º	3º	Nokia	7,77	-0,8
9º	11º	General Motors	6,96	16
10º	7º	Johnson & Johnson	6,84	-2

Empresas brasileiras

2010	2009	Empresa
119º	151º	Petrobras
133º	103º	Vale
705º	789º	CPFL Energia
807º	993º	Totvs
924º	847º	Embraer

Fonte: Booz&Co

US\$ 2,1 bilhões

foi o investimento feito em P&D pelas cinco empresas brasileiras de capital aberto que integraram esta edição do estudo

28% do orçamento

de US\$ 550 bilhões foi a participação das companhias do setor de computação e eletrônicos no total de recursos aplicados em P&D em todo o mundo em 2010. Com um incremento de US\$ 16 bilhões em seus orçamentos, as companhias lideraram os investimentos.

Apesar de o volume de recursos investidos ser importante para medir os esforços de uma empresa se diferenciar no mercado, Leuzinger destaca que parece não existir uma relação direta entre esse montante aplicado em P&D e a percepção de quanto as companhias são inovadoras. "Essa tendência começou a aparecer no estudo do ano passado e se confirmou agora", diz o executivo.

Quando questionados sobre quais as empresas que consideravam as mais inovadoras do mundo, os executivos ouvidos para o levantamento da Booz&Co citaram apenas algumas colocadas entre as dez que mais investem em inovação. Na verdade, 70% deles citaram a Apple, companhia que figura na 70ª posição do ranking, com investimento de US\$ 1,782 bilhão. Em segundo lugar ficou o Google, que ocupa a 34ª colocação, com orçamento de US\$ 3,762 bilhões. A surpresa da lista foi o Facebook que, por ter capital fechado, nem entra no ranking da Booz. "A inovação não é tanto uma questão de quanto se investe, e sim de como se investe", diz Leuzinger.

No país, recursos para P&D sobem 10,5%

Assim como no estudo do ano passado, o Brasil contou com cinco representantes entre as 1.000 empresas globais de capital aberto que mais investiram em pesquisa e desenvolvimento (P&D).

A empresa com melhor desempenho foi a Petrobras. Com investimento de US\$ 989 milhões em 2010 - 27,4% a mais do que em 2009 -, a companhia passou da posição 151 para a 119.

Na lista de empresas de capital nacional estão ainda Vale, CPFL Energia, Totvs e Embraer. Dentre essas companhias, apenas a Vale teve um desempenho pior em 2010 do que em 2009. De acordo com os critérios da Booz&Co, a mineradora caiu da posição de número 103 para 133.

No total, as companhias brasileiras que integram o ranking investiram US\$ 2,1 bilhões em P&D em 2010, um incremento de 10,5% na comparação com o levantamento feito em 2009. O crescimento não foi suficiente para elevar de forma relevante a participação do Brasil no cenário internacional de investimentos. A parcela brasileira permaneceu praticamente estável, passando de 0,38% para 0,39% dos US\$ 550 bilhões mundiais.

Na avaliação de Roberto Leuzinger, sócio da Booz&Co, o Brasil tem dois problemas no que diz respeito ao investimento em P&D. O primeiro é o fato de existirem poucas empresas de capital nacional em setores que tradicionalmente investem muito nessa área, como computação e eletrônicos, farmacêutica e automóveis. O outro problema é a falta de tradição das empresas de fazer esse tipo de investimento. "Esse é um tema recente que vem ganhando espaço, mas que demora a ser incorporado pelas companhias", diz.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 24 out. 2011, Empresas, p. B3.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.